

# CORTÁZAR: ENTRE A LITERATURA E A ANTROPOLOGIA

Maria Luiza Teixeira Batista (UFPB)<sup>1</sup>

**Resumo:** Neste artigo, apresentaremos uma leitura de dois contos de Julio Cortázar, "Lejana" e "Axolotl." Esses relatos marcam a presença de um dos conceitos propostos por Lucien Lévy-Bruhl acerca da cosmovisão do homem primitivo. Tal conceito diz respeito ao princípio de participação que implica que um ser possa ser um e outro simultaneamente. Esse princípio, podemos afirmar, é outro modo de interpretar a temática do desdobramento presente nos contos aqui citados. Em ambos os relatos, percebemos a descoberta da existência do outro e, por conseguinte, a subversão ao conceito de unidade e de identidade.

**Palavras-chave:** Cortázar; Lévy-Bruhl; "Lejana"; "Axolotl".

Nos hallamos así, ante todo, con el tema del "doble" o del "otro yo", en todas sus variaciones y desarrollos, es decir: con la aparición de personas que a causa de su figura igual deben ser consideradas idénticas; con el acrecentamiento de esta relación mediante la transmisión de los procesos anímicos de una persona a su "doble" -lo que nosotros llamaríamos telepatía-, de modo que uno participa en lo que el otro sabe, piensa y experimenta; con la identificación de una persona con otra, de suerte que pierde el dominio sobre su propio yo y coloca yo ajeno en lugar del propio. (Sigmund Freud)

<sup>1</sup> Professora de Literatura Hispano-Americana no Curso de Licenciatura em Letras-Espanhol, Universidade Federal da Paraíba. Doutora em Literatura Hispano-Americana. E-mail: [luizabatista.ufpb@gmail.com](mailto:luizabatista.ufpb@gmail.com).

## Literatura e antropologia

A temática do duplo está presente na contística de Julio Cortázar desde os primeiros relatos, publicados dos anos de 1950 até o final da sua carreira. Por ser recorrente, sabemos que esse é um tema bastante estudado e que, por sua vez, dá margem a variadas interpretações, como aponta Jaime Alazraki ao afirmar que:

The already abundant commentary devoted to the study of the double in general has shown the variety of uses and functions of this fictional procedure. It can manifest itself as a 'mirror image', as a 'secret sharer', as an 'opposing self', as a 'fragmental mind', as 'paths of ambivalence', as mere 'baroque duplication', as 'psychomachia', etcetera. (Alazraki 1978: 73)

Neste artigo, propomos ampliar ainda mais as leituras sobre o duplo, ao analisá-lo desde outra perspectiva, relacionando-o com algumas teorias antropológicas que estavam em voga na América Latina, na primeira metade do século XX. Essa abordagem se justifica porque Cortázar tinha interesse por estudos antropológicos, como podemos observar em uma entrevista concedida a Sara Castro-Klarén poucos anos antes da sua morte. Naquela ocasião, o escritor afirma que seu percurso para chegar à antropologia teve como ponto de partida as leituras de filósofos clássicos como Aristóteles, Platão e Kant. Essas leituras o levaram a Cassirer, que, segundo o escritor, o influenciou enormemente, e aos *Lévis*: Lucien Lévy-Bruhl e Claude Lévi-Strauss (Castro-Klarén 1980: 26). Nessa entrevista, Cortázar deixa claro que seu interesse pelos estudos antropológicos ultrapassa o campo da sua voracidade de leitor e acaba se infiltrando na sua literatura, principalmente quando afirma que os textos de Lévy-Bruhl e sua concepção de "mentalidade primitiva" foram aproveitados como temática para sua obra de ficção e estão presentes em muitos de seus contos e, inclusive, em *Rayuela*.

Ainda nessa entrevista, Cortázar aponta os diferentes posicionamentos entre os dois *Lévis* no diz respeito ao polêmico conceito de *homem primitivo* e às sociedades consideradas primitivas. Um deles, Lévy-Bruhl, hierarquiza os tipos de mentalidades quando reconhece que há mentalidades inferiores (*pré-lógicas*) e superiores (*lógicas*); o outro, Lévi-Strauss, contesta tal posicionamento ao afirmar que não existem mentalidades superiores ou inferiores e ao questionar a forma como a civilização ocidental observa e julga aquelas não ocidentais.

Como podemos perceber, no momento da entrevista, Cortázar já tinha conhecimento do reposicionamento crítico sobre o que se considerava sociedade primitiva. No entanto, o escritor parece não pretender polemizar sobre o assunto, pois o que lhe interessa dos estudos antropológicos é retomar algumas temáticas relativas à visão do *homem primitivo*, suas crenças, mitos, etc., para construir histórias ficcionais em cima delas.

Do mesmo modo, podemos advertir igual observação na análise de Cortázar sobre a obra de Adolf Wöflfl, publicada em *La vuelta al día en ochenta mundos* (2004a). Nesse texto, o escritor chama a atenção para o uso abusivo do termo *pré-lógico*, referindo-se talvez aos estudos posteriores aos de Lévy-Bruhl, que mudaram a forma de observar, inquirir e avaliar as sociedades consideradas primitivas. Cortázar ainda

aponta certa tendência do homem a acreditar que há relações mágicas entre fenômenos, objetos e pessoas; acontecimentos simultâneos que, para uns, podem ser uma mera coincidência, para outros, podem revelar uma conexão que a lógica racionalista não pode explicar. De acordo com suas palavras, essa crença pode ser escandalosa ao intelecto (2004a: 77), porém sobrevive no imaginário do homem e se configura como matéria para sua literatura.

É óbvio que, na ocasião da entrevista a Castro-Klarén, Cortázar já havia incorporado outras leituras sobre esse tema; portanto, já podia apontar para outras nuances presentes no conceito de *homem primitivo* e sua visão de mundo. Porém, nos anos de 1930 e 1940, foram os estudos de Lévy-Bruhl que inspiraram sua literatura e foram suas teses que se concretizaram em contos como “Lejana” e “Axolotl”, que apresentaremos mais adiante neste trabalho.

### Cortázar: leitor de Lévy-Bruhl

Para compreender como Cortázar interpreta os escritos de Lévy-Bruhl, começaremos apresentando as teses do antropólogo e filósofo francês sobre a mentalidade do homem primitivo. Seu livro, *La Mentalidad Primitiva*, cuja primeira publicação data de 1922, teve grande notoriedade entre os leitores latino-americanos nas primeiras décadas do século XX, chamando a atenção inclusive de escritores renomados como Victoria Ocampo, Jorge Luis Borges, Ezequiel Martínez Estrada, entre outros (Weinberg 1956: 15). Grande parte da sua notoriedade se deve ao fato de ter gerado uma série de polêmicas ao colocar no centro do debate o conceito de *homem primitivo*.

Ao descrever os mitos, crenças e costumes do homem primitivo, Lévy-Bruhl estabelece uma diferenciação entre sociedade civilizada, ou seja, ocidental, e aquela considerada primitiva. Afirma que a segunda é regida por uma mentalidade pré-lógica que não obedece às leis que regem o pensamento civilizado, já que funciona de acordo com uma lógica distinta, muitas vezes considerada absurda e incompreensível ao homem civilizado.

Tais considerações provocaram muitas controvérsias na época da publicação do livro e, portanto, foram bastante criticadas. As críticas se centravam tanto na falta de uma fundamentação científica sólida, já que o antropólogo se baseava em relatos de viajantes, marinheiros e missionários que estiveram na América, África e Austrália nos séculos XVI e XVII, quanto no fato de explicar o pensamento pré-lógico na sua relação com a magia, as crenças e as superstições, desconsiderando que essas formas de compreender o mundo sobrevivem na mentalidade do homem por ele mesmo considerado civilizado.

As polêmicas levantadas pelos estudos de Lévy-Bruhl despertaram o interesse de muitos escritores que, por sua vez, souberam aproveitar suas teses para fins literários, deixando entrever nos seus textos de ficção um questionamento: quem ou o que determina se uma sociedade é primitiva ou civilizada. Esse foi o caso de Cortázar que, das teses do antropólogo, resgata a *lei de participação* para escrever contos e revelar uma forma distinta de compreender a realidade.

Tentaremos agora descrever o que significa a lei de participação. Para Lévy-Bruhl, a mentalidade primitiva é regida por essa lei, que define da seguinte forma:

llamaré *ley de participación* al principio propio de la mentalidad 'primitiva' que rige las relaciones y las prerrelaciones de esas representaciones. [...] Diré que, en las representaciones colectivas de la mentalidad primitiva, los objetos, los seres, los fenómenos pueden ser, de manera incomprensible para nosotros, a la vez ellos mismos y algo distinto que ellos mismos. De una manera menos incomprensible, emiten y reciben fuerzas, virtudes, cualidades, acciones místicas, que se hacen sentir fuera de ellos, sin dejar de ser lo que son. (Lévy-Bruhl 1956: 67)

De acordo com essa lei, um *ser* é ele mesmo e outro ao mesmo tempo, e pode receber e transmitir energia a outro ser. Como exemplo, o antropólogo cita um caso: o dos índios do Brasil que são homens e araras ao mesmo tempo; eles não se metamorfoseiam em araras, mas enxergam a si mesmos como elas. Para Lévy-Bruhl, essa identificação só é possível “para uma mentalidad regida por la ley de la participación” (Lévy-Bruhl 1947: 68).

O antropólogo ainda acrescenta que essa visão de mundo pode ser incomprensível para o homem civilizado, porém, para a mentalidade primitiva, é totalmente aceitável. As práticas mágicas, as cerimônias, os rituais fazem parte da sua vida cotidiana, e a fronteira que separa o mundo visível do invisível é permeável porque estão em constante comunicação. Dessa maneira, o antropólogo delinea a imagem do que seria o *homem primitivo* e sua forma de compreender o mundo, estabelecendo assim uma distinção entre o pensamento primitivo e o civilizado.

Como afirmamos antes, apesar das críticas a sua tentativa de explicar hierarquicamente o pensamento pré-lógico em oposição ao pensamento civilizado, os escritos de Lévy-Bruhl serviram de inspiração para Cortázar, como aponta Castro-Klarén quando afirma que a figura do homem que a antropologia apresenta como “primitivo” é uma figura que admite rituais que, por sua vez, nem sempre são compreendidos pela lógica ocidental. A escritora acrescenta que o “pensamento mágico” descrito por Lévy-Bruhl abarca um sentido poético que se faz presente nos mitos e no conhecimento da magia, tão significativos para o homem primitivo. Esse sentido remete, por sua vez, a uma visão porosa da realidade, visão esta que Cortázar consegue magistralmente representar em sua literatura. (Castro-Klarén 1996: 646).

Como vimos, de acordo com Castro-Klarén, Cortázar utiliza as ideias de Lévy-Bruhl como fundamento de sua própria poética, opinião compartilhada com outros estudiosos da obra cortazariana, como é o caso de Davi Arrigucci Júnior. No seu livro *O escorpião encalacrado* (1973), o crítico brasileiro aponta a presença de Lévy-Bruhl na obra de Cortázar, quando analisa o conceito de participação em “Para una poética” (1994a) e “Casilla del camaleón” (2004b).

Na sua leitura dos textos citados, Arrigucci Júnior afirma que o princípio de participação está presente na analogia, elemento principal da linguagem poética, e na maneira particular que o poeta representa o mundo. De acordo com o crítico, em ambos os textos aparece a ideia de que “o poeta renuncia à identidade no ato poético, procedendo, com base na analogia, ‘por irrupción, por asalto e ingreso afetivo a la cosa’, numa forma de *participação* da essência do outro” (Arrigucci Júnior 1973: 45). O

poeta, então, usa a palavra como meio para alcançar a alteridade, um meio de sentir e de ser outro.

Na visão de Cortázar, a imagem do poeta e a imagem do homem primitivo se aproximam quando o poeta admite todas as formas de analogia, de associações, que, por sua vez, ofuscam as marcas da ambiguidade e da contradição. O poeta encarna o primitivo quando renuncia, mesmo que seja momentaneamente, a sua identidade para participar afetivamente na essência do outro. Nesse sentido, Cortázar afirma que o poeta, assim como o primitivo, “está fuera de todo sistema conceptual petrificante, porque prefiere sentir a juzgar, porque entra en el mundo de las cosas mismas y no de los nombres que acaban borrando las cosas, etc.” (Cortázar 1994a: 270)

Dessa forma, Cortázar coloca o poeta e o primitivo lado a lado, poesia e magia se confundem. Porém, mais adiante no seu texto, tem o cuidado de advertir que o poeta não é um *homem primitivo*, no sentido que as antigas concepções antropológicas deram ao termo. Talvez para evitar alguma possível má interpretação, termina esclarecendo que o poeta é de fato aquele “que reconoce y acata las formas primitivas; formas que, bien mirado, sería mejor llamar ‘primordiales’, anteriores a la hegemonía racional, y subyacentes luego a su cacareado imperio” (Cortázar 1994a: 277).

O princípio de participação, que aqui relacionamos com a poética de Cortázar, está também em um dos seus primeiros artigos. Trata-se de “La urna griega en la poesía de John Keats” (1946). Nesse texto, o princípio de participação está na interpretação que o escritor argentino dá a uma frase de Keats, na qual o poeta aparece como um camaleão que toma a forma e a existência do seu objeto de interesse. Tal frase, traduzida por Cortázar como “si un gorrión viene a mi ventana, yo tomo parte en su existencia y picoteo en la arena” (Cortázar 1994b: 48), indica que o poeta toma deliberadamente a existência do outro, participa da sua vida e transforma-se nesse outro.

Dessa forma, Cortázar retoma o conceito de participação para formular o que denomina *camaleonismo poético*: a propensão do poeta a enxergar o mundo de outro modo, metafórico ou mágico talvez, e sua ousadia em não temer confundir-se ou fundir-se ao outro, já que ele “es ese ente que se apodera de otras identidades, *las invade al ser invadido*” (Cortázar 2004c: 541). E, como um camaleão, impregna-se da cor do seu entorno, mudando a cada passo, adaptando-se ao ambiente que o rodeia.

### “Lejana” e “Axolotl”: o duplo e a lei de participação

Como apresentamos na seção anterior, Cortázar utiliza a teoria de Lévy-Bruhl sobre a lei de participação para explicar a experiência poética. Porém sua interpretação das teses do antropólogo está também nos seus textos de ficção, principalmente naqueles que nos remete ao tema do duplo.

Na contística cortazariana, o universo ficcional se desdobra: surgem os duplos, os tempos alternados, os mundos paralelos. A presença do *outro* é uma constante, suas personagens são invadidas pelo *outro*, invadem o *outro*, se sentem como *outro* ou se convertem em *outro*. O *outro* é, segundo Ana María Barrenechea, o “enlace de figuras opuestas pero complementarias” (Barrenechea 1983: 811). Ambos recompõem

uma unidade perdida, tal como afirma o próprio Cortázar em uma entrevista a Ernesto González Bermejo quando coloca o duplo como uma projeção do inconsciente que, por sua vez, revela um desejo secreto do homem de querer ser outro: “Parecería que el hombre no se acepta como una unidad sino que, de alguna manera, tiene el sentimiento de que simultáneamente podría estar proyectado en otra entidad que él conoce o no conoce pero existe.” (González Bermejo 1986: 65)

No fragmento citado aqui, percebemos que o escritor aproxima o princípio de participação do conceito de duplo quando fala da simultaneidade. O homem, ao experimentar os sentimentos de outro ser, participa da sua existência. Tal afirmação justifica nossa escolha: ler o duplo sob a ótica das teses de Lévy-Bruhl. Citaremos como exemplo dois contos de Cortázar publicados nos anos de 1950.

O primeiro deles é “Lejana”, conto pertencente ao volume *Bestiario* publicado em 1951. Esse relato está organizado em forma de diário, no qual a personagem principal, Alina Reyes, registra sua monótona vida de jovem burguesa e o descobrimento da outra, daquela que, nas palavras de Noé Jitrik, é “la forma ‘lejana’ de su propio ser” (Jitrik 1968: 16).

A outra surge em um jogo de palavras: através de um anagrama, a personagem se duplica e passa a ser Alina Reyes e “la reina y...”. Segundo Eliane Lavaud, os pontos suspensivos no final do anagrama “altera las certidumbres habituales de un yo unitario, recalcando la impresión de inconclusión, de extrañeza, de doble, e imponiendo la consiguiente búsqueda del otro o, en este caso, de la otra” (Lavaud 1986: 67). Podemos afirmar então que Alina é a rainha e ao mesmo tempo é outra, a Lejana.

Assim como descreve Lévy-Bruhl, há uma espécie de conexão mágica entre essas mulheres, uma participa da vida da outra, compartilha sentimentos, emite e recebe energia apesar da distância que as separa: Alina está em Buenos Aires e Lejana vive em Budapeste. De uma forma inexplicável, Alina sente o corpo da Lejana, sente o frio da neve que entra pelos seus sapatos, embora não haja neve nas ruas por onde caminha; experimenta as dores de uma mulher maltratada pelo companheiro; sente a angústia do desamparo e da solidão.

Esse processo de empatia é interpretado, por Marta Morello-Frosch, como “momentos de comunicación” (Morello-Frosch 1972: 332), nos quais a primeira, Alina, sabe e sente o que acontece com a outra, mas sem perder a consciência de si própria: “Vemos cómo el personaje siente al otro simultáneamente y sigue siendo él mismo, como si, además de su función normal, conocida, participa de otro destino, a ratos y fragmentariamente.” (Morello-Frosch 1972: 333)

Morello-Frosch não compreende o duplo presente no conto de Cortázar como uma divisão da personalidade, mas como uma união, como um complemento. Ela tampouco acredita que há uma relação hierárquica entre a personagem e seu duplo, uma vez que ambas tem a mesma importância na trama. Em sua opinião, uma não está subordinada à outra, pois as duas personagens compartilham o mesmo protagonismo.

Para a escritora, o duplo dá a oportunidade ao homem de participar de outro destino, de viver outra vida ao ver-se projetado em outro ser. O duplo amplia as suas possibilidades de experimentar outras realidades diferentes da sua, portanto, enriquece a visão que o homem tem do mundo ao seu redor e permite que ele se

enxergue a si mesmo desde outra perspectiva, como se olhasse sua imagem refletida no espelho.

Ao interpretar o duplo dessa maneira e ao afirmar que existe uma comunicação entre os seres que compartilham essa mesma vivência, Morello-Frosch acaba aproximando o conceito de duplo ao princípio de participação. Sendo assim, a comunicação entre Alina e Lejana aparece como uma forma de participação, entre ambas há uma espécie de conexão mágica, telepática. Apesar de viverem situações distintas e em lugares distintos, o que acontece a uma afeta a vida da outra, por isso, Alina escreve em seu diário: “¿Pero qué te pasa?” e responde “Le pasaba a aquélla, a mí tan lejos” (Cortázar 2000a: 120); o aqui e lá são duas realidades que Alina experimenta simultaneamente, vivendo duas vidas paralelas.

Semelhante ao que descreve Lévy-Bruhl, Alina percebe o tempo de maneira diversa. Segundo o estudioso, o homem primitivo não concebe o tempo como um *quantum* homogêneo, uma vez que não há relação entre presente, passado e futuro (Lévy-Bruhl 1956: 87). Dessa forma, Alina escreve em seu diário que já não respeita as leis do tempo e espaço: “me he vuelto canalla con el tiempo, ya no le tengo respeto” (Cortázar 2000a: 123). Para ela, é mais fácil escrever no presente porque sente o que acontece a outra em tempo presente, não importando se o fato ocorreu há anos ou se ainda ocorrerá.

Saber que existe a outra leva Alina a querer conhecê-la. Sem a necessidade de mandar cartas ou telegramas, um encontro é marcado. Como Alina havia previsto, no centro da ponte que corta a cidade de Budapeste estava a Lejana que, por sua vez, sabia a hora e o lugar do encontro. Sobre a ponte, as mulheres se abraçam e acontece a transmigração de identidades. No entanto, se ambas participam da vida uma da outra, Alina, agora mendiga, continuará compartilhando as experiências vividas pela outra, transformada em *reina*, em Alina Reyes.

Se, em “Lejana”, a lei de participação estabelece uma conexão entre duas mulheres, em “Axolotl”, essa lei se manifesta através da identificação entre um homem e um animal. Esse conto, escolhido como segundo exemplo para ilustrar a presença das teorias de Lévy-Bruhl, aparece no volume intitulado *Final del Juego*, publicado pela primeira vez em 1956.

Esse relato começa com uma declaração do narrador-personagem: “Ahora soy un axolotl” (Cortázar 2000b: 381), deixando clara sua atual condição. Ele, frequentador assíduo do *Jardin des Plantes* em Paris, relata sua fascinação por esses animais com *cara azteca*, como ele mesmo define. Desde o primeiro encontro, percebe que há uma comunicação mágica entre ambos, o animal exerce um poder hipnótico sobre ele e o faz compreender que ambos estavam unidos por uma força ancestral. Entre ambos, havia uma espécie de empatia que o faz compreender a angústia de viver encerrado em um aquário e desperta o desejo de libertá-los do “inferno líquido” (Cortázar 2000b: 384) ao qual estavam condenados.

É óbvio que a escolha, por parte do contista, desse animal com *cara azteca* não é arbitrária, posto que, segundo uma antiga tradição mexicana, cada pessoa tinha um “segundo eu”, representado na figura de um animal. Sua vida estava estreitamente ligada à desse animal, uma dependia da outra como se ambas fossem uma única. O animal, de acordo com os estudos de James George Frazer, seria seu totem, ou seja, o lugar onde “el hombre guarda su alma” (Frazer 1991: 773), devendo portanto protegê-lo.

Assim como Frazer, cujo livro *La Rama Dorada* (1991) teve bastante êxito entre os leitores latino-americanos, Lévy-Bruhl também descreve as sociedades totêmicas, citando o exemplo dos índios brasileiros que se identificam com as araras ao ponto de ver nessas aves a imagem deles mesmos, como já descrevemos em outra seção deste artigo. Considerando o conto “Axolotl”, podemos afirmar que semelhante identificação acontece com a personagem que vê no axolotle sua própria imagem, convertendo-o em seu totem, guardião da sua alma.

Por esse motivo, apesar da pouca semelhança entre um axolotle e um homem, o narrador confessa que “en ningún animal había encontrado una relación tan profunda conmigo” (Cortázar 2000b: 383). Conhecê-lo melhor, estudá-lo, torna-se sua obsessão, por isso, volta todos os dias ao *Jardin des Plantes* para observá-lo; porém, escrutiná-lo com os olhos não é o suficiente: para conhecê-lo era necessário “penetrar en lo impenetrable de sus vidas” (Cortázar 2000b: 383), passar para o outro lado do vidro do aquário, viver e sentir como um axolotle.

Como um camaleão, o narrador vai tomando a aparência do seu objeto de interesse, a ponto de sentir-se “prisionero en un cuerpo de axolotl” (Cortázar 2000b: 384) e de afirmar que a cauda é a parte mais sensível de *nuestro cuerpo* (Cortázar 2000b: 382), como se ambos fossem um só ser. Na mesma medida, o animal se humaniza e adquire consciência de homem. O axolotle “piensa como um hombre” (Cortázar 2000b: 385), por isso, sabe que um dia se libertará da prisão aquática e se converterá em homem.

Como afirmamos antes, o escritor soube escolher esse animal para protagonizar o seu relato. Os axolotles são animais que, segundo Lanin Gyurko “simbolizan un tiempo perdido, espectral y fatalmente congelado dentro del presente” (Gyurko 1975: 231). São, então, remanescentes de um tempo remoto, uma lembrança da origem da criação, do surgimento da vida, de uma vida em seu estado larval. Um animal que, segundo o narrador, guarda vestígios da mistura entre os reinos animal, vegetal e mineral, quando o descreve como uma “piedra rosa” com “ojos de oro” e que tem “ramitas rojas como de coral” (Cortázar 2000b: 382) de cada lado da cabeça. Essa aparente fusão indica sua tendência simbiótica quando mescla diferentes seres em um só.

Essa simbiose se confirma quando o narrador, no final do relato, se reconhece como um axolotle: “Yo era un axolotl y sabía ahora instantáneamente que ninguna comprensión era posible” (Cortázar 2000b: 384). Compartilhava seus sentimentos porque era um deles, um mesmo ser vivendo dentro e fora do aquário. De um lado, o axolotle olha o rosto do homem do outro lado do vidro, um rosto que, por sua vez, olha inquisitivamente para ele, talvez buscando descobrir o mistério dessa estranha criatura.

Ainda segundo Gyurko, os axolotles, mais que animais primitivos, são “encarnaciones sobrehumanas de antiguos dioses aztecas” (Gyurko 1975: 231), deuses canibais que se alimentam do sangue e do coração dos sacrificados. Talvez isso explique porque o narrador afirma ser vítima de um canibalismo de ouro quando percebe que os axolotles o “devoraban lentamente por los ojos, en un canibalismo de oro” (Cortázar 2000b: 383). Aqui o olhar cumpre uma função importante, é a forma como as personagens se comunicam, uma absorve a vida da outra através do olhar; assim, intercambiam sentimentos e participam da essência uma da outra.

Homem e axolotle são um único ser: o homem absorve a irracionalidade do animal e, por sua vez, o axolotle raciocina como um homem e, talvez por isso, saiba que um dia o homem-axolotle “va a escribir sobre nosotros, creyendo imaginar un cuento va a escribir todo esto sobre los axolotl” (Cortázar 2000b: 385). Dessa forma, o narrador finaliza seu relato.

### Considerações finais

Neste texto, tentamos ampliar o sentido que Cortázar extrai das suas leituras antropológicas sobre a lei de participação para aplicá-lo a sua contística. Em “Lejana”, o princípio de participação estabelece uma conexão mágica entre duas personagens: duas mulheres que se sentem unidas através de um processo de identificação, uma participa da vida e do destino da outra.

Se considerarmos a época em que esse relato foi escrito e publicado, final dos anos de 1940 (esse conto aparece pela primeira vez na revista *Cabalgata*, em fevereiro de 1948), podemos ainda afirmar que as duas personagens são as duas caras da sociedade: uma é representante da classe burguesa e a outra uma mendiga. Esta última, como símbolo de uma classe que deveria, para muitos naquele então, permanecer longe, isto é, em um lugar *lejano*. Isso se deve em grande medida ao fato de que a década aqui citada foi marcada pelo regime peronista, ao qual Cortázar era declaradamente opositor. Mais tarde, com sua adesão à revolução cubana, sua opinião sobre o *fenômeno peronista* muda consideravelmente.

Apesar de haver confessado que, naquela época, a invasão do “povo” à capital lhe provocava certo incômodo, o escritor consegue, na sua literatura, confrontar dialeticamente duas realidades distintas ao criar duas personagens: uma “pituca de Buenos Aires”, como ele mesmo define, e o seu contrário, “una mujer pobre, una mendiga” (González Bermejo 1986: 27), e fazê-las sentir e viver a realidade uma da outra. Dessa forma, acaba subvertendo a noção do aqui e lá, trazendo para perto o que estava distante.

Por esse motivo, não podemos deixar de considerar o contexto histórico e social no qual essa obra foi produzida e apontar que não só as leituras de Cortázar se infiltraram na sua literatura, como é o caso dos textos de Lévy-Bruhl, como também os acontecimentos que marcaram a história da Argentina.

Como vimos, em “Axolotl”, o princípio de participação aparece de maneira diversa, homem e animal estão unidos por uma força ancestral. Nesse relato, também entra em jogo uma antiga tradição mexicana e o passado da América antes da chegada do Ocidente. Apesar de o relato estar ambientado em Paris, é a circunstância latino-americana que aparece mais evidente quando o contista coloca a figura de um animal com *cara azteca* em um ponto central e insinua que o axolotle, assim como tudo o que ele representa, deve ficar preso em um aquário para ser observado de longe, mantendo dessa forma a segurança dos visitantes do *Jardin des Plantes*. Porém, essa segurança se desfaz quando surge outra personagem, talvez latino-americano também, que enxerga no axolotle a existência de um mundo diferente e de outra forma de olhar.

Para concluir nossa exposição, falta ainda afirmar que os contos aqui citados são apenas duas maneiras distintas de representar a lei de participação proposta por

Lévy-Bruhl. No entanto, esse tema não se esgota aqui, uma vez que aparece em outras ocasiões e em outros contos.

### CORTÁZAR: BETWEEN LITERATURE AND ANTHROPOLOGY

**Abstract:** In this paper, we present an analysis of two short stories by Julio Cortázar: "Lejana" and "Axolotl." These tales present one of the concepts proposed by Lucien Lévy-Bruhl about the primitive man and his understanding of the world. This concept refers to the law of participation, which means that one being can be itself and another simultaneously. This law, we can say, is another way to interpret the theme of the double that is present in the stories mentioned here. In both of them, we observe the discovery of the existence of the other and therefore the destruction of the concept of unit and identity.

**Keywords:** Cortázar; Lévy-Bruhl; "Lejana"; "Axolotl".

### REFERÊNCIAS

ALAZRAKI, Jaime. Doubles, bridges and quest of identity: 'Lejana' revisited. In: *The final island. The fiction of Julio Cortázar*. Oklahoma: University of Oklahoma Press, 1978, pp. 73-83.

ARRIGUCCI JÚNIOR, Davi. *O escorpião encalacrado*. São Paulo: Perspectiva, 1973.

BARRENECHEA, Ana María. Los dobles en el proceso de escritura de Rayuela. In: *Revista Iberoamericana. Número especial dedicado a la literatura Argentina: los últimos cuarenta años*, Pennsylvania, n. 125, out/1983, pp. 809-828.

CASTRO-KLARÉN, Sara. Julio Cortázar, lector. Conversaciones con Julio Cortázar. In: *Cuadernos hispanoamericanos*, Madrid, n. 364-366, 1980, pp. 11-36.

\_\_\_\_\_. Rayuela: los contextos. In: CORTÁZAR, Julio. *Rayuela*. 2ed. México: Fondo de Cultura Económica, 1996, pp. 639-650.

CORTÁZAR, Julio. Lejana. In: *Cabalgata*, Buenos Aires, n. 16, fev/1948, pp. 10-11.

\_\_\_\_\_. Para una poética. In: *La Torre*, Puerto Rico, n. 7, jul/ 1954.

\_\_\_\_\_. La urna griega en la poesía de John Keats. In: *Obra Crítica / 2*. 2 ed. Buenos Aires: Alfaguara, 1994, pp. 25-72.

\_\_\_\_\_. Para una poética. In: *Obra Crítica / 2*. 2 ed. Buenos Aires: Alfaguara, 1994, pp. 265-286.

\_\_\_\_\_. Lejana. In: *Cuentos Completos / 1*. 8 ed. Buenos Aires: Alfaguara, 2000, pp. 119-125.

\_\_\_\_\_. Axolotl. In: *Cuentos Completos / 1*. 8 ed. Buenos Aires: Alfaguara, 2000, pp. 381-385.

\_\_\_\_\_. Casilla del camaleón. In: *La vuelta al día en ochenta mundos*. 29 ed. México: Siglo XXI, 2004, pp. 185-193.

\_\_\_\_\_. -Yo podría bailar ese sillón - dijo Isadora. In: *La vuelta al día en ochenta mundos*. 29 ed. México: Siglo XXI, 2004, pp. 77-82.

\_\_\_\_\_. *Imagen de John Keats*. Buenos Aires: Punto de Lectura, 2004.

FRAZER, James George. *La Rama Dorada*. Trads. CAMPUZANO, Elizabeth; CAMPUZANO, Tadeo I. México: Fondo de Cultura Económica, 1991.

FREUD, Sigmund. Lo siniestro. In: *Obras Completas*. Tomo III. Trad. Luis López-Ballesteros y de Torres. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1981, pp. 2483-2505.

GONZÁLEZ BERMEJO, Ernesto. *Revelaciones de un cronopio. Conversaciones con Cortázar*. Buenos Aires: Editorial Contrapunto, 1986.

GYURKO, Lanin A. La fantasía como emancipación y como tiranía en tres cuentos de Cortázar. In: *Revista Iberoamericana*, Pennsylvania, n. 91, abr/ 1975, pp. 219-236.

JITRIK, Noé. Notas sobre la 'zona sagrada' y el mundo de los 'otros' en Bestiario de Julio Cortázar. In: TIRRI, Néstor; VINO CUR DE TIRRI, Sara (organizadores). *La vuelta a Cortázar en nueve ensayos*. Buenos Aires: Carlos Pérez Editor, 1968, pp. 13-30.

LAVAUD, Eliane. Acercamiento a 'Lejana' de Julio Cortázar. In: *Coloquio Internacional. Lo lúdico y lo fantástico en la obra de Cortázar*. Madrid: Fundamentos, vol. II, 1986, pp. 67-77.

LÉVY-BRUHL, Lucien. *Las funciones mentales en las sociedades inferiores*. Buenos Aires: Lautaro, 1947.

\_\_\_\_\_. *La Mentalidad Primitiva*. Trad. Gregorio Weinberg. Buenos Aires: Leviatán, 1956.

MORELLO-FROSCH, Marta. El personaje y su doble en las ficciones de Cortázar. In: GIACOMAN, Helmy F. (editor). *Homenaje a Julio Cortázar. Variaciones interpretativas en torno a su obra*. Madrid: Las Américas, 1972, pp. 331-332.

WEINBERG, Gregorio. Advertencia a la segunda edición castellana. In: LÉVY-BRUHL, Lucien. *La Mentalidad Primitiva*. Trad. Gregorio Weinberg. Buenos Aires: Leviatán, 1956, pp. 15-20.

---

ARTIGO RECEBIDO EM 30/03/2015 E APROVADO EM 23/07/2015